

## **O USO DA MÚSICA COMO UM RECURSO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS SOCIAIS NO ENSINO MÉDIO**

**André Alvarez Grohe Comim<sup>1</sup>  
Leonice Alves Pereira Mourad<sup>2</sup>**

Resumo: Este artigo busca discutir os problemas causados pela descontinuidade da presença da disciplina de Sociologia nos currículos escolares no Brasil, fato que ocasionou uma escassez tanto de material didático como de professores formados na área. Para minimizar este problema usamos a música como metodologia alternativa de ensino. Apresentamos os debates acerca da utilização dessa metodologia, tomando como base a bibliografia, além da experiência realizada nas disciplinas de práticas de ensino.

Palavras Chave: Ensino de Ciências Sociais; música; metodologia.

Resumen: Este artículo discute los problemas causados por la discontinuidad de la presencia de la disciplina Sociológica en los currículos escolares de Brasil, un hecho que provocó una escasez tanto de material de enseñanza como de profesores capacitados en el área. Para minimizar este problema usamos la música como metodología de enseñanza alternativa. Al presentar los debates sobre el uso de esta metodología, tomando como base la bibliografía, además del experimento llevado a cabo en las disciplinas de las prácticas de enseñanza.

Palabras clave: Enseñanza de las Ciencias Sociales; música; metodología.

---

<sup>1</sup> Acadêmico da Licenciatura em Ciências Sociais da UFSM.

<sup>2</sup> Profa. Adjunta da UFSM. Orientadora.

## 1. INTRODUÇÃO

A Sociologia é uma ciência nova se comparada às outras ciências já existentes. No Brasil, enquanto disciplina escolar, sua oferta oscilou em relação a presença nos currículos de educação básica, por motivos de diferentes ordens. Em razão de sua trajetória irregular como disciplina escolar a área não tem uma tradição no que diz respeito à disponibilidade de um volume expressivo de recursos pedagógicos, o que vem sendo produzido só muito recentemente. O fato antes exposto é agravado pela recente oferta efetiva de cursos de formação de professores nessa área, que tem uma tradição significativa no bacharelado e não na licenciatura.

Diante desse contexto e da experiência realizada nas disciplinas de práticas de ensino, quando identificamos uma dificuldade de encontrar materiais didáticos compatíveis com a oferta semanal da disciplina, qual seja uma hora aula, surgiu a necessidade de se encontrar formas alternativas de potencializar o ensino de ciências sociais na escola. Atualmente os estudos educacionais nas suas diferentes áreas (história, geografia, literatura, etc.) têm apontado a importância de novas metodologias e técnicas que possam atribuir sentido ao conhecimento para públicos escolares identificados como jovens. Nesse sentido apontamos um significativo desenvolvimento da indústria cultural.

Como tema de investigação escolhemos a utilização da música como uma metodologia que pode facilmente ser utilizada por diferentes docentes em diferentes contextos escolares em razão da facilidade da utilização, agregada a familiaridade dos alunos com o recurso. Nosso propósito nessa investigação será apresentar os debates acerca da utilização dessa metodologia, tomando como base a bibliografia. Pretendemos ainda apresentar algumas sugestões de músicas e temas sociológicos passíveis de serem utilizados em sala de aula.

## 2. HISTÓRICO DA SOCIOLOGIA NO BRASIL

Historicamente temos as primeiras tentativas de incluir a disciplina de Sociologia nos currículos de curso secundário logo após a proclamação da República, como podemos observar em Nogueira:

Após a proclamação da República houve várias tentativas no sentido de se introduzir Sociologia no currículo de curso secundário, o que somente se efetivaria em fins do decênio de 1920, no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, por influência de Carlos Delgado de Carvalho, na Escola Normal do Recife, por inspiração de Gilberto Freyre e influência de Antônio Carneiro Leão e, pouco mais tarde, em São Paulo, por Fernando de Azevedo. (NOGUEIRA, 1979-81, p. 192-93).

Porém isto não aconteceu de imediato. Mazza nos dá uma ideia mais detalhada de como, após as primeiras tentativas, realmente se consolidou a inclusão da sociologia nos currículos escolares

As primeiras tentativas de se introduzir a sociologia no Brasil deram-se por meio de sua inserção nos currículos dos cursos secundários. Antes de 1920 já haviam sido tomadas algumas iniciativas para a introdução da sociologia, na forma de sociologia da educação ou de sociologia associadas à moral, nos cursos secundários, com forte orientação positivista, isto é, buscando-se uma análise objetiva para a compreensão da realidade, tendo por padrão o pensamento durkheimiano sobre educação. Mas foi durante os anos 20, precisamente entre 1925-28, que a sociologia passou a integrar os currículos secundários. (MAZZA, 2004, p. 97).

Podemos listar obras de Fernando Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Carneiro Leão, Delgado de Carvalho, Arthur Ramos, Almeida Júnior como “obras de fundamentação metodológica utilizadas na elaboração de programas de política educacional que inspiraram a renovação educacional da Escola Nova”. (MAZZA, 2004, p. 103). A Escola Nova foi um movimento de renovação do ensino, que surgiu no fim do século XIX e ganhou força na primeira metade do século XX. Estas obras influenciaram em muito a organização da disciplina de Sociologia para que ela se estruturasse e fosse possível ser ministrada nas escolas brasileiras dentro da realidade do país.

Houveram muitos avanços na disciplina de Sociologia em relação à educação, avanços estes necessários que tentavam conhecer e ao mesmo tempo acompanhar os desenvolvimentos que estavam acontecendo no país.

Em consequência da industrialização de nossa economia, da urbanização de nossa população, da ampliação do mercado interno, da expansão do proletariado, do desenvolvimento das classes médias, da burocratização dos aparelhos administrativos público e privado, da expansão demográfica, da colonização interna das áreas subdesenvolvidas de um país subdesenvolvido, das migrações interiores, da crise da estrutura agrária e dos principais produtos agrícolas, dos problemas de imigração e de assimilação de indígenas e de alienígenas, das imposições do planejamento econômico e administrativo, das alterações do padrão tradicional de relações de raças, da aplicação de uma legislação trabalhista complexa, do acirramento dos conflitos de classes e do aprofundamento das contradições da posição do Brasil da economia mundial, em suma, todos os problemas básicos da realidade brasileira que clamavam por estudo e solução. (COSTA PINTO, 1955, p.23).

Embora muitos autores já citados anteriormente tenham contribuído para que a Sociologia ingressasse nos currículos escolares, a sua continuidade não se efetivou. Infelizmente “tudo isso foi interrompido pelos governos militares, auxiliados pela deterioração interna dos órgãos oficiais de educação, acionada pela política expressa na lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961.” (MAZZA, 2004, p. 119). Por essa razão a Sociologia somente voltaria a entrar nos currículos escolares em 2008, de tal forma que a trajetória da mesma não foi seguida de uma continuidade histórica nas práticas das aulas de Ensino Médio. Bodart nos informa do mais recente retorno da disciplina ao currículo, bem como das alterações acontecidas em âmbito nacional.

“A inclusão da disciplina de Sociologia só ocorreu oficialmente após 37 anos de exclusão do currículo do Ensino Médio. Durante todo esse tempo praticamente não tivemos significativo volume de formaturas de professores de Sociologia, situação provocada pela falta de espaço de atuação dos docentes dessa área.

Em 8 de maio de 2008, o Senado aprovou o projeto de lei alterando a redação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96-LDB) no artigo 36, criando o inciso IV: “serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio” (BRASIL, 2008). Antes dessa data, havia apenas uma recomendação da CNE (Parecer CNE/CEB 15/1998) sugerindo a inclusão da disciplina no currículo de Ensino Médio, o que dificilmente ocorria no país.” (Bodart, 2012, p. 16).

### **3. ESCASSEZ DE MATERIAL DIDÁTICO E DE DOCENTES QUALIFICADOS**

Com o aprimoramento de todas as técnicas já desenvolvidas em todos os segmentos da sociedade no mundo contemporâneo, seja no mercado de trabalho, nas práticas de indução ao consumo e nos meios de comunicação, ainda que possamos nos deparar paradoxalmente com a necessidade de aperfeiçoamento das metodologias usadas na educação de um modo geral. Muito se tem feito no sentido de aprimorar as maneiras de se dar aula, seja na reorganização dos papéis, tanto dos professores como dos alunos, seja nas mudanças do papel da escola na sociedade, seja na utilização de novas ferramentas mais modernas trazidas pelos avanços tecnológicos e da informática, seja pela necessidade de agregar novas metodologias à serem usadas na sala de aula.

Mesmo disciplinas identificadas como tradicionais que estão no currículo escolar há bastante tempo estão tendo a necessidade de rever suas técnicas de transmissão de conhecimento, sendo forçadas a fazer mudanças e remodelações imprescindíveis nas relações professor/aluno, ensino/aprendizagem e escola/sociedade.

Estas adaptações nos mostram que técnicas, métodos, hábitos e rotinas estão mudando e sendo aperfeiçoadas. Na área do ensino de Ciências Sociais essas mudanças se mostram ainda muito tímidas, pois existem várias limitações nas práticas das aulas de Ensino Médio, limitações estas evidenciadas por vários fatores.

Em nossa experiência na disciplina de Estágio Supervisionado, onde tivemos a oportunidade de estar frente à frente com os alunos em uma sala de aula, no Colégio Estadual Manoel Ribas, em Santa Maria no Rio Grande do Sul, fui orientado pela docente responsável pela turma a seguir o programa da escola.

O programa se baseava exclusivamente em acompanhar o livro “Sociologia para Ensino Médio (Nelson Dacio Tomazi)”, sendo este o único material didático ofertado pela escola, o que evidencia uma escassez de material, fazendo com que tivéssemos poucas alternativas de metodologias, pois fui orientado inclusive a controlar os alunos no sentido de cobrar destes que trouxessem o livro para sala de aula, usando como critério de avaliação.

Saliento ainda que a docente titular não tem formação em Ciências Sociais, sendo formada em Geografia, ainda que tenha uma especialização em Ciências Sociais. Em contatos com colegas que fizeram as suas práticas em outras escolas, constatamos que isso é um fenômeno frequente. Nesse sentido cabe referir que a Sociologia

É uma disciplina bastante recente – menos de um século, reduzida sua presença efetiva (no ensino médio brasileiro) à metade desse tempo; não se tem ainda formada uma comunidade de professores de Sociologia no ensino médio, quer no âmbito estadual, regional ou nacional, de modo que o diálogo entre eles tenha produzido consensos a respeito de conteúdos, metodologias, etc., o que está bastante avançado nas outras disciplinas. Essas questões já poderiam estar superadas se houvesse continuidade nos debates, o que teria acontecido se a disciplina nas escolas não fosse intermitente. (MORAES; GUIMARÃES; TOMAZI, 2006, p.103-104).

Por uma questão de interesses de várias ordens a disciplina de Sociologia oscilou em entrar e sair dos currículos escolares, não conseguindo assim uma continuidade histórica nas práticas das aulas da educação básica. Essa alternância da disciplina caracteriza um ponto importante em sua trajetória, tendo como consequência o fato de que não há, ainda, uma comunidade significativa de professores habilitados, assim como metodologias e recursos didáticos, o que somente acontece à nível de Ensino Superior. A falta de professores habilitados nesta área levou à necessidade dessas vagas de trabalho serem preenchidas por professores de outras disciplinas.

Tornada obrigatória no Ensino Médio, muitos professores de outras áreas passaram a lecionar Sociologia, o que somado à falta de uma tradição na formação de professores de Sociologia tornou seu ensino um tanto precário, marcada por vícios de interpretação da realidade social sob a perspectiva da Geografia Humana e da História, assim como as dificuldades de delimitação de suas fronteiras, o que ocorre também em relação ao senso comum. (Bodart, 2012, p 16.).

Destacamos ainda que no caso do Rio Grande do Sul, somente nos últimos concursos, 2012 e 2013 é que foram ofertadas vagas para a sociologia, ainda que em um número muito restrito.

Devido a esta descontinuidade histórica nos currículos escolares nos deparamos com outra realidade nas aulas de Ciências Sociais no Ensino Médio: a pouca disponibilidade tanto de material didático como de metodologias de ensino. A escassez de professores, o reduzido número de livros específicos nesta área, além da existência de poucas metodologias desenvolvidas no tempo disponível de aula, qual seja um período semanal, podem nos levar à metodologias de ensino meramente fundadas na memorização e leitura do livro didático, enfatizando um conhecimento enciclopédico, o que torna as aulas pouco atrativas para o educando de Ensino Médio.

O Ensino Secundário, atual Ensino Médio, é formativo por Excelência; ele não deve visar a uma acumulação enciclopédica de conhecimentos, ou seja, um tipo de ensino meramente aquisitivo, estático que visa unicamente a conservação da ordem social, incapaz, portanto, de proporcionar uma educação dinâmica (FERNANDES, 1977, p.110).

Com a intenção de romper com ensino enciclopédico e fugir um pouco das práticas pedagógicas tradicionais, pensou-se em buscar uma metodologia alternativa para as aulas de Sociologia. Uma das alternativas escolhidas consiste em usar a música para tratar de temas das Ciências Sociais, visto que acreditamos que esta pode preencher uma lacuna existente nas práticas docentes desta disciplina.

#### **4. O USO DA MÚSICA E O ENSINO**

A música faz parte da vida de todas as pessoas, todos ouvem música independentemente da classe social, credo ou etnia que pertençam. A música é uma expressão cultural que normalmente se refere ao cotidiano das pessoas e que consegue trazer elementos de sua realidade. Através das letras das músicas podemos abordar praticamente todos os assuntos de diversas ordens, pois quando observamos nossa realidade conseguimos entender melhor os temas propostos, de tal sorte que:

Esta perspectiva de trabalho está embasada na pedagogia proposta por Paulo Freire de que a educação deve partir da realidade dos educandos, fazendo com que eles consigam perceber e relacionar os diversos “campos” que os circundam e colaboram para sua formação enquanto indivíduos sociais. (BOURDIEU, 2012; BOURDIEU, PASSERON, 2005; FORQUIN, 1992).

A música é parte da cultura de todos os povos, com a facilidade de acesso a diversos tipos de música, temos cada vez mais uma interação a nível mundial, as informações e as mudanças estão acontecendo cada vez mais rápido e com maior urgência e intensidade.

A música como cultura atinge todas as pessoas do planeta, visto que hoje praticamente todas as pessoas podem conhecer a grande maioria dos estilos musicais que estão sendo criados e ter acesso aos estilos criados anteriormente.

Usamos como exemplo nossa própria realidade, desde criança apreciamos muito as músicas. Ainda bem pequeno tínhamos contato com o que nossos pais ouviam no rádio. Geralmente acordávamos com o som do rádio ligado em alguma rádio AM da cidade ou da região.

Essa realidade, possivelmente, foi da grande maioria das pessoas que moravam no bairro onde nascemos. Com o passar dos anos, à medida que íamos crescendo, fomos aos poucos ampliando e diversificando o gosto musical. Hoje com as facilidades proporcionadas pela internet e com o aperfeiçoamento das técnicas de consumo do mercado musical temos acesso a um número infinito de opções de escolhas musicais. É muito difícil alguém não gostar e não consumir música, independente do estilo musical que escolha ou foi induzido a aprender a gostar.

A escola tem realizado um esforço expressivo para buscar aproximar-se da comunidade escolar, com especial destaque aos discentes. Jovens cujos interesses e universos culturais estão bastante marcados pelo consumo “mecânico” de um conjunto de músicas de diferentes gêneros, fomentado prioritariamente pelo mercado musical caracterizado expressivamente pela massificação da música, de tal forma que na maioria das vezes o “consumidor” não se apercebe e nem é capaz de problematizar o teor e o alcance das músicas aos quais o mesmo está exposto, sendo um “alvo fácil” às artimanhas do mercado.

Renata S. Schevisbiski em seu trabalho “Metodologias de ensino de Sociologia: o Projeto “Oficina de Ideias” apresenta alguns dos resultados de um trabalho desenvolvido junto aos alunos do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina no ano de 2008, onde, combinada com a prática da leitura, temos os frutos dessa experiência que apontam outras opções de metodologias de construção do conhecimento.

O projeto “Oficina de Ideias” teve a intenção de oferecer um espaço para a produção e análise de materiais didáticos de sociologia, sob o ponto de vista de seus conteúdos, bem como de atividades e exercícios de reflexão. Além disso buscou desenvolver a criação de materiais didáticos próprios, associando diferentes linguagens às teorias e perspectivas analíticas presentes nas Ciências Sociais. “Entre elas citamos: o uso de charges, tiras, músicas, filmes, literatura, poesia, cinema, etc.” Schevisbiski (2008, p. 02). A pesquisa revelou que existe uma infinidade de recursos disponíveis, o



que falta, no entanto, é um trabalho de elaboração de textos que busque explorar esses recursos, de maneira à abordar os conteúdos à serem ministrados na disciplina.

Outro aspecto constatado é que a música muitas vezes é a única forma de expressão artística com a qual os alunos têm ou tiveram contato. Somado a isto temos o fato de que a música tem um baixo custo, pode ser usada em qualquer escola, tanto em uma escola particular, que normalmente possui uma boa estrutura com melhores recursos, ou em uma escola que possui uma limitação de recursos e que atenda uma comunidade carente, pois hoje em dia temos a facilidade de poder levar a música até mesmo em um aparelho de telefone celular onde todos podem ouvir.

As dificuldades encontradas pelos professores de Sociologia, somadas às necessidades de mudanças nas formas de ensinar/aprender e às exigências postas pelos novos rumos causados pela globalização, bem como o impacto na educação ocasionado pelas evoluções tecnológicas, nos leva à busca de novas metodologias como o uso de música em sala de aula. A música sempre esteve associada às tradições e às culturas de cada época, falando da realidade e do cotidiano das pessoas e dos acontecimentos do dia-a-dia, sendo assim é necessário abrir espaço para o educando trazer música para a sala de aula, oferecendo à estas obras que sejam significativas para seu desenvolvimento pessoal.

#### **4.1. Uma articulação entre o livro didático e a música**

Como mencionado anteriormente, em nosso estágio supervisionado, fomos orientados a seguir o livro “Sociologia para o Ensino Médio” de Nelson Dacio Tomazi, obra que está organizada em volume único indicado para os três anos do ensino médio, tendo sido editada pela Saraiva S. A. Livreiros Editores, São Paulo, 2010.

A obra possui 256 páginas, sendo dividida em sete unidades mais o apêndice, somando um total de 23 capítulos. Fomos orientados pela professora titular da disciplina de que teria liberdade a usar de outros materiais que achasse conveniente, porém esta salientou que o tempo da disciplina era bastante limitado, uma hora aula por semana, e que ela mesma pouco se valia de outros recursos com receio de não conseguir acompanhar o programa da escola, além do fato de que os alunos esqueciam-se do assunto da aula anterior, já que se passava uma semana entre uma aula e outra, sendo

que com a maioria das outras disciplinas os alunos tinham contato mais de uma vez por semana.

O livro apresenta textos, notas e fotos de vários momentos de diversas sociedades de todo o globo terrestre, assim como gravuras, pinturas e imagens de obras de arte, além de charges que comparam várias realidades das sociedades tanto contemporâneas como de épocas mais remotas e que abordam fatos importantes que aconteceram nos últimos séculos, muitas vezes ligando-os à atualidade.

Coloca cortes específicos de algum fato sociológico, por exemplo, como funcionava uma fábrica no início do século passado, explicando ser esta uma característica do fordismo e que foi muito bem retratado por Charles Chaplin no filme “Tempos Modernos” ou de um acontecimento catastrófico em um ponto do planeta e suas repercussões. Faz comparações através de lendas, mitos ou fábulas que são contadas por civilizações de diversas épocas e localidades.

Apresenta indicações de filmes, livros, revistas e sites que abordam temas relevantes à disciplina. Analisa os autores mais conhecidos nas três áreas das Ciências Sociais, observando o que estes deixaram de mais importante através de seus trabalhos. Aborda temas da realidade brasileira comparando com os outros povos em todos os continentes. Observa questões de gênero, etnia, desigualdade social, desemprego, fome, miséria, violência, dominação, saúde pública, ações afirmativas e questões ambientais. Acompanha as várias transformações históricas que aconteceram nas sociedades no contexto político, econômico e social. Analisa temas como cidadania, mídia, imprensa, televisão, jornalismo, consumo, movimentos sociais e culturais.

A obra dá um apanhado geral em temas das Ciências Sociais em suas três áreas específicas: Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Para o aluno de ensino médio fica um pouco difícil de distinguir uma área da outra, mas penso que este não seja o objetivo maior do livro e sim abordar os temas de uma maneira geral. Este livro é um dos poucos ofertados no Brasil para ser usado no ensino médio, porém é o mais usado hoje em dia, sua linguagem é de fácil compreensão para educandos de ensino médio e encontrado na maioria das escolas, fato constatado por todos meus colegas de graduação que passaram pelo Estágio Obrigatório Supervisionado.

Identificamos duas temáticas constantes no livro didático e trabalhadas em sala de aula que podem ser complementadas, aprofundadas e problematizadas, utilizando a música como um recurso didático pedagógico: violência e controle social. Além disso,

escolhemos outro tema bastante pertinente às Ciências Sociais e que foi pouco abordado no livro citado, sendo um assunto muito polêmico nos dias atuais: consumo.

Constatamos que temos uma infinidade de recursos disponíveis para o ensino de Sociologia, os quais são extremamente ricos e estimulantes, sejam eles tiras, charges, músicas, filmes, vídeos, propagandas, literatura, revistas, teatro, palestras, etc. O que falta, no entanto, é um trabalho de articulação entre esses recursos e as discussões teóricas, levando em conta o tempo disponível para a disciplina na educação básica de tal forma a fazer com que essas ferramentas possam trazer ideias sobre como trabalhar a diversidade de temas e questões que abarcam a disciplina no Ensino Médio.

No Brasil a produção musical tem dado mais atenção às exigências de mercado do que às necessidades culturais, causando uma banalização das músicas, dificultando a localização de conteúdos úteis ao fazer pedagógico. Há uma massificação no consumo da mercadoria “música” que muitas vezes acaba encobrindo o teor artístico das canções, favorecendo a aceitação de uma vulgarização das letras, o que resulta em um empobrecimento destas, limitando um possível aproveitamento deste recurso como metodologia de ensino.

Boa parte do mercado musical direciona esta mercadoria empobrecida de qualidade artística à uma maior parcela da sociedade, sendo esta parcela de consumidores um “alvo fácil” e que acaba absorvendo as músicas mais banalizadas de um modo geral, acarretando dessa maneira com que músicas melhor trabalhadas sejam absorvidas apenas por uma parcela menor e mais exigente da sociedade. Não queremos nos aprofundar muito nas práticas e estratégias do mercado, direcionamos nossos estudos para a utilização da música em si, sendo assim buscamos uma melhor definição de música de um modo geral.

A arte de modo geral – e a música aí compreendida – é uma atividade essencialmente humana, através da qual o homem constrói significações na sua relação com o mundo. O fazer arte é uma atividade intencional, uma atividade criativa, uma construção – construção de formas significativas. (PENNA. 2008 p.18).

Outra preocupação observada em vários autores estudados foi o perigo que se encontra em o professor, ao se servir da música, cair em análises do senso comum. Esta situação pode acontecer devido à falta de fronteiras entre disciplinas como História, Geografia ou Filosofia, onde encontramos um bom número de professores desta área

ministrando aulas de Sociologia, ou ainda pela escassez de metodologias desenvolvidas nesta temática.

O perigo se encontra em ocorrer uma inversão do objetivo de seu uso: ao invés de o professor aproximar os alunos da análise sociológica, acabar distanciando-os, conduzindo-os rumo a uma análise de senso comum, ou ainda sob perspectivas de outras ciências, tais como a História, a Geografia e a Filosofia, não que a Sociologia não possa dialogar com tais saberes, mas deve diferenciar-se por meio de seu método. É mais importante ensinar a pensar sociologicamente do que aprender o conteúdo abordado. Se assim ocorrer o educando estará dotado de condições para posteriores análises na realidade social sem necessitar ser tutelado pelo professor, inclusive rever a temática abordada em sala. Para isso, é necessário distinguir a Sociologia e seu procedimento analítico dos métodos das outras ciências. (BODART, 2012, p 14).

#### **4.2. Alguns exemplos de possibilidade de uso de músicas**

Escolhemos três músicas que fazem parte de três momentos distintos da história do Brasil: a primeira música “Pra não dizer que não falei das flores” de Geraldo Vandré apresentada pela primeira vez em 1968 em pleno período da Ditadura Militar no Brasil; a segunda música “Selvagem” da banda os Paralamas do Sucesso lançada em 1986, logo após o fim do Período Militar; e a terceira “Concorra a um carro” do grupo Mundo Livre S.A, gravada em 2000 quando já havia decorrido 15 anos do fim do regime militar.

##### **Música 1**

#### **P’RA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES (GERALDO VANDRÉ)**

Caminhando e cantando e seguindo a canção  
Somos todos iguais braços dados ou não  
Nas escolas, nas ruas, campos, construções  
Caminhando e cantando e seguindo a canção

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,  
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer

Pelos campos há fome em grandes plantações  
Pelas ruas marchando indecisos cordões  
Ainda fazem da flor seu mais forte refrão

E acreditam nas flores vencendo o canhão

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,  
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Há soldados armados, amados ou não  
Quase todos perdidos de armas na mão  
Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição  
De morrer pela pátria e viver sem razão

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,  
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Nas escolas, nas ruas, campos, construções  
Somos todos soldados, armados ou não  
Caminhando e cantando e seguindo a canção  
Somos todos iguais braços dados ou não  
Os amores na mente, as flores no chão  
A certeza na frente, a história na mão  
Caminhando e cantando e seguindo a canção  
Aprendendo e ensinando uma nova lição

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,  
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Quanto a música de Geraldo Vandré podemos referir que:

Em 1968, participou do III Festival Internacional da Canção da TV Globo com Pra não Dizer que não Falei das Flores, também conhecida como "Caminhando". A composição se tornou um hino de resistência do movimento civil e estudantil que fazia oposição à ditadura durante o governo militar, e foi censurada. O refrão "Vem, vamos embora / Que esperar não é saber / Quem sabe faz a hora, / Não espera acontecer" foi interpretado como uma chamada à luta armada contra os ditadores (SANTANA, et. al. 2011. p.75).

O Festival Internacional da Canção tinha uma audiência enorme no Brasil, realizado no Maracanãzinho no Rio de Janeiro e transmitido em pleno horário nobre pela TV Rio (primeira edição) e pela TV Globo a partir da segunda edição, em um momento que a televisão e o rádio eram os meios de comunicação mais usados e que atingiam a grande maioria da população.

A classificação da música em segundo lugar, sendo a favorita disparado do público, rendeu episódios de fúria popular contra os jurados, xingados e com seus carros danificados à saída do evento. A atriz Bibi Ferreira, uma das juradas que tiveram seu carro atacado, deu a maior nota da noite à canção e saiu do estádio do Maracanãzinho decepcionada com o resultado. Ziraldo, por exemplo, outro dos jurados, deu nota 10 para "Caminhando" e 5 para as outras músicas, inclusive a vencedora. Apenas em 1991, Walter Clark, diretor-geral da Rede Globo de Televisão na época, a organizadora e transmissora do festival, revelou em sua autobiografia que a direção da emissora recebeu ordens do comando do I Exército para que nem "Caminhando" nem "América, América", de César Roldão Vieira, extremamente críticas ao governo, vencessem o festival. Boni, o segundo em comando da rede, anos depois declarou que o júri tinha sido soberano e não sofrera nenhuma pressão, desconhecendo o fato narrado por Walter Clark. O festival foi vencido por Sabiá de Chico Buarque de Hollanda e Tom Jobim. Anos mais tarde, Boni confessou que "ver Tom e Chico sendo vaiados era doloroso e Vandré ter perdido dava uma sensação de vazio" (apud SANTANA, et. al. 2011. p.76).

Após a apresentação dos dados sobre seu autor e intérprete, o docente deve referir o contexto de produção, no caso o Golpe de 64, a tomada do poder por parte dos militares ocasionado pelo medo do comunismo que assombrava as elites na América Latina principalmente depois da Revolução Cubana, observando assim questões sócio históricas que buscam identificar o tema proposto, qual sejam liberdade de expressão, disputas políticas, projetos de Estado e de sociedade, etc., não perdendo de foco a dimensão sociológica desses fenômenos.

Aqui pode ser produtivo tanto no que diz respeito aos conteúdos quanto a racionalização do tempo disponível planejar atividades que articulem diferentes abordagens, com especial destaque a sociologia, filosofia, história e geografia, além da contribuição das linguagens, visto que na referida música o uso de metáforas é bastante significativo, dado ao contexto daquela época.

A análise dessa música permite a identificação do recurso poético, visto que os compositores tinham de ser muito criativos e subjetivos em sua maneira de escrever, principalmente quando criticavam o regime vigente, sendo este o tema que mais predominava nesta época na música popular e no rock feito no Brasil.

A música apresentada nos abre um leque enorme de possibilidades para se trabalhar em sala de aula, podemos atribuir uma tarefa aos alunos pedindo que façam uma pesquisa sobre este momento complicado da política do país, buscando no livro didático conteúdos que abordem este tema, além de recursos encontrados na internet para procurar identificar o impacto provocado por esta música.

Esta música pode ser considerada um hino contra a ditadura, uma crônica daquela realidade, para interpretar esta letra devemos levar em conta o momento histórico e a situação política que está inserida. Podemos analisar que na parte “Caminhando e cantando e seguindo a canção. Somos todos iguais braços dados ou não. Nas escolas, nas ruas, campos, construções”, mostra que, independente de crenças e ideais, somos iguais, que devemos nos unir estando do mesmo lado ou não. São frases que defendem a liberdade que nos foi tirada com o golpe de 1964. As manifestações eram feitas por pessoas de diversos lugares, mas com desejos de mudanças em comum: pessoas do campo, da cidade, jornalistas, intelectuais, religiosos.

Em seguida encontramos o refrão “Vem, vamos embora, que esperar não é saber, quem sabe faz a hora, não espera acontecer”. Como foi dito anteriormente é uma chamada à luta contra o autoritarismo da época. Este refrão marcou toda uma geração, sendo usado até hoje em várias manifestações que acontecem no Brasil. “Pelos campos há fome em grandes plantações” faz referência a distribuição desigual das riquezas, uma vez que refere o Brasil como tendo um vasto território com grandes plantações, mas o que é plantado, mesmo em grande quantidade, não é suficiente para alimentar a população que passa por grandes necessidades, servindo apenas ao interesse de poucos que visam somente o lucro e a continuidade da estratificação social. “Pelas ruas marchando indecisos cordões ainda fazem da flor seu mais forte refrão e acreditam nas flores vencendo o canhão”. Colocamos aqui uma citação do próprio autor usada em uma análise da música:

Em seus versos, Vandrê cita a luta armada e a imobilidade das pessoas que defendiam a diplomacia, critica os movimentos que pregavam "paz e amor", mostrando que de nada adiantava "falar de flores" àqueles que atacam com armas. (SANTANA, et. al., 2011, p. 78).

“Há soldados armados, amados ou não. Quase todos perdidos de armas na mão. Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição. De morrer pela pátria e viver sem razão”. Esta estrofe nos infere na força da autoridade militar, uma vez que os soldados tinham de obedecer ao regime do qual faziam parte. A letra evidencia a humanidade desses sujeitos.

A última estrofe é mais longa e inicia com a frase “Nas escolas, nas ruas, campos, construções. Somos todos soldados, armados ou não. Caminhando e cantando e

somos seguindo a canção. Somos todos iguais braços dados ou não” indica que em qualquer lugar *somos todos soldados* independentemente de estarmos armados ou não, todos devemos lutar contra um regime que vai contra a democracia, pois neste momento a população não teve liberdade de escolha nem participação alguma.

“Os amores na mente, as flores no chão”, novamente critica a ideia utópica de que com paz e amor se consegue vencer as armas. “A certeza na frente, a história na mão. Caminhando e cantando e seguindo a canção. Aprendendo e ensinando uma nova lição”. A letra enfatiza a certeza e determinação na luta, de tal sorte que devemos acreditar sempre nas transformações e não desistir, sempre lembrando do que a história nos diz para não acontecer do passado e cair no mesmo erro outra vez. Aprendendo uma nova lição, a lição de que não devemos desistir nunca, pois o direito de escolha que nos foi tirado deve nos ser restituído.

Por fim destacamos que Geraldo Vandré compôs muitas músicas naquele período. Na grande maioria de suas letras podemos observar uma forte crítica ao governo ditatorial, essas críticas eram contextualizadas em muitas de suas músicas, podemos encontrar até uma certa continuidade comparando uma música com outra, também fazia referências a músicas de outros artistas que vivenciaram este período como Chico Buarque por exemplo.

## Música 2

SELVAGEM (Bi Ribeiro, Herbert Vianna e João Barone).

A polícia apresenta suas armas  
Escudos transparentes, cassetetes  
Capacetes reluzentes  
E a determinação de manter tudo  
Em seu lugar

O governo apresenta suas armas  
Discurso reticente, novidade inconsistente  
E a liberdade cai por terra  
Aos pés de um filme de Godard



A cidade apresenta suas armas  
Meninos nos sinais, mendigos pelos cantos  
E o espanto está nos olhos de quem vê  
O grande monstro a se criar

Os negros apresentam suas armas  
As costas marcadas, as mãos calejadas  
E a esperteza que só tem quem tá  
Cansado de apanhar.

A música a ser previamente analisada data de 1986, tendo sido um sucesso do grupo Paralamas do Sucesso, uma banda inicialmente de Rock e Ska que mais tarde começou a misturar reggae e ritmos latinos. A música foi gravada logo após o fim do Regime Militar. Ao contrário da música anterior, neste momento os artistas estavam experimentando uma nova realidade quando da composição, uma vez que as letras das músicas poderiam tratar de quaisquer temáticas, não havendo mais a censura. Nesse sentido podemos identificar o uso de uma linguagem mais clara e direta, não havia mais a necessidade de recorrer a metáforas.

Neste momento o docente pode valer-se novamente do livro didático, pois neste período temos o fim do Regime Militar e com ele as Eleições Diretas para Presidente da República, este assunto é um marco na vida política do país, colocando fim a um período sombrio da história do Brasil, analisando e ilustrando um conjunto de conteúdos vinculados a Ciência Política, constante no livro referido.

Nesta música podemos observar que o tema principal é a violência, esta se mostra de várias maneiras *apresentando suas armas* em muitas situações, fato este que podemos observar com muita frequência ainda nos dias de hoje. Na primeira estrofe a violência repressiva da polícia usando a força para “manter tudo em seu lugar” com suas ferramentas bem conhecidas da população, *Escudos transparentes, cassetetes Capacetes reluzentes*. O professor pode situar os alunos lembrando-os que na época em que a música foi gravada estávamos saindo da Ditadura e que os hábitos repressivos não acabam de um dia para outro, onde as práticas de repressão ainda continuavam, basta assistirmos a qualquer telejornal para confirmarmos esta realidade violenta, somado a isso temos a imprensa que também sofreu com a censura e que estava tendo mais liberdade.

Na segunda estrofe a violência do Estado, aqui ainda falando em liberdade, percebemos que muitas coisas ainda não mudaram, havendo uma continuidade nas práticas governamentais. Temos ainda uma alusão a Jean-Luc Godard, cineasta franco-suíço reconhecido por um cinema vanguardista e polêmico, que abordava de maneira provocadora os dilemas e as perplexidades do século XX, além de ser um militante anarquista.

Na terceira estrofe a música evidencia a violência urbana *apresentando suas armas*, através da miséria e da desigualdade social com crianças nos sinais e fora da escola, marginalizados e fortes candidatos a perpetuarem o grupo de mendigos.

A última estrofe trata da violência do racismo retratada no negro mostrando suas armas que são “As costas marcadas, as mãos calejadas e a esperteza que só tem quem tá cansado de apanhar”. Armas usadas somente para se defender por quem apanha desde sua chegada no Brasil, primeiramente como escravos legalmente e que continuam de certa forma escravos de sua condição de abandono por parte do Estado.

### Música 3

CONCORRA A UM CARRO (Fred Zero Quatro, Goró, Xef Tony)

Não adianta  
Não há como escapar  
Ao mundo livre.  
Entramos na disputa para lhe capturar  
Porque  
O mercado vive em guerra  
Lidere ou suma, vença ou morra.  
No submundo do consumo  
Não há lugar para escrúpulos  
Tem que ser um bom produto  
Pra sobreviver tem que reciclar

Cedo ou tarde  
Você vai se entregar  
Ao mundo livre  
Não adianta não há como escapar  
Porque  
O mercado é uma guerra  
Lidere ou suma, vença ou morra  
Na sociedade de consumo

A seleção é desumana  
Tem que ser um bom produto  
E a grande intenção é monopolizar

“E atenção! Aqui à sua frente  
A grande chance de sua vida  
Você ainda pode concorrer em uma sensacional  
Promoção de lançamento  
Com sua fé cabine dupla zero Km.”  
Corra! Concorra à um carro do ano!  
Essa é a voz do mundo livre.

A última música apresentada foi gravada em 2000 pela banda Mundo Livre S/A. Criada em 1984 em Recife o Mundo Livre S/A é uma banda que se enquadra nos estilos *Manguebeat* e *Samba Rock*, que juntamente com os artistas Chico Science & Nação Zumbi foram criadoras e divulgadoras do movimento *Manguebeat* que tem como objetivo a universalização e a atualização da música pernambucana, além de valorizar músicas, estilos e hábitos da sociedade urbana jovem pernambucana do final do século XX. Aqui cabe também referir que, tanto o “Mundo Livre S/A” como a “Nação Zumbi,” defendem a ideia de um mundo sem fronteiras, onde as pessoas podem ser livres para transitar pelo planeta inteiro, assumindo sua própria personalidade, cada um sendo “o cidadão do mundo”.

Após apresentar a música o professor pode questionar os alunos acerca da mensagem da letra buscando aproximar as questões narradas na letra e o cotidiano dos alunos.

Sobre a letra podemos dizer que no trecho “Não adianta, não há como escapar ao mundo livre. Entramos na disputa para lhe capturar”. A música refere-se a necessidade de resistir ao que os mesmos identificam como mundo do consumo, desejo expresso nas letras das músicas da banda, que o mundo um dia não tenha fronteiras, que todos sejamos livres, o que está explícito inclusive no próprio nome da banda. A letra fala entre disputas por dois padrões: um do mercado que nos impõe o consumo, este identificado como negativo, e outro fazendo um contraponto e apresentando um mundo melhor para viver.

Em outro trecho a letra refere que “O mercado vive em guerra. Lidere ou suma, vença ou morra. No submundo do consumo. Não há lugar para escrúpulos. Tem que ser um bom produto. Pra sobreviver tem que reciclar”. Aqui o docente pode fazer

comparações e relações presentes no mundo capitalista que é extremamente competitivo e inescrupuloso, vivendo constantemente em “guerra”, onde não há lugar para derrotados, “Lidere ou suma, vença ou morra... não há lugar para escrúpulos”. Na sequência somos tratados como mercadorias que precisam se reciclar e se adaptando à esta realidade “pra sobreviver tem de se reciclar”, e ainda, “tem de ser um bom produto” até mesmo as empresas tem de se adaptar.

“A seleção é desumana”, novamente dá a ideia de que a competitividade é inescrupulosa, de que para atingir o objetivo vale tudo, é uma forma de violência que afirma “... e a grande intenção é monopolizar”, assim o mercado usa a violência para eliminar o adversário indo além do conflito, que é produtivo, ao contrário da violência que destrói e não proporciona crescimento.

No final da música observamos outro aspecto de alienação quando encontramos as passagem “E atenção! Aqui à sua frente a grande chance de sua vida. Você ainda pode concorrer em uma sensacional promoção de lançamento. Com sua fé cabine dupla zero Km. Corra! Concorra a um carro do ano!”. Usando as mesmas táticas de mercado se oferece um prêmio, um carro zero Km, e se realça “com sua fé cabine dupla” se referindo ao desejo de ter um carro baseado em sua “fé cabine dupla” onde a fé está ligada ao valor de mercado, como se fosse possível comprar sua fé com um símbolo de consumo que é uma pick up cabine dupla.

Problematiza-se aqui a ostentação que existe em certas igrejas. Devemos ter o cuidado para não nos posicionarmos contrários à nem uma religião específica, pois o professor deve respeitar o credo individual do aluno, devendo apenas expor que existem algumas religiões que dão mais importância aos bens materiais do que aos bens espirituais.

A crítica aqui se refere à certas igreja que têm se expandido muito no Brasil. Este tema é bastante delicado e o professor deve estar atento quanto a isso. É importante que o professor procure saber quais as crenças dos alunos e de suas famílias, pois discutir religião é muitas vezes um assunto complexo e que requer habilidade por parte do educador.

No Brasil a educação por lei deve ser laica, o que muitas vezes não acontece. Não vamos nos aprofundar neste assunto para não fugirmos ao tema principal deste trabalho, além do fato de que o público alvo é o aluno de Ensino Médio, e para este público não devemos nos aprofundar em especializações como já foi dito anteriormente, cabendo ao professor apresentar grandes temáticas que caracterizam as ciências sociais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAS

Embora o uso de letras de músicas em aulas de Sociologia possa ser uma excelente ferramenta didática, devemos ter o cuidado com possíveis dificuldades encontradas nas aulas, dificuldades estas que podem ser ocasionadas por fatores como:

- O pouco tempo da disciplina nos currículos escolares, o que acaba ocasionando uma pouca disponibilidade de material didático e metodologias específicas;
- O fato de que poucos professores são formados na área;
- O viés da história e da geografia com semelhanças com a sociologia.

Devido a estes fatores o professor deve tomar cuidado com possíveis dificuldades em superar o senso comum em direção a uma reflexão sociológica. Para isto deve evitar de se prender apenas ao contexto histórico normalmente observado na produção da música, deve, por exemplo, procurar buscar elementos que apontem para as estruturas sociais observadas na música, identificando fenômenos e ações sociais que possam ser retratadas, observar a existência de questões individuais e que estejam interligadas às questões coletivas. Em relação à semelhança de um viés geográfico, é mais comum ocorrer quando a temática envolver questões ambientais ou econômicas. O mais importante para o aluno é aprender a pensar sociologicamente e não ficar limitado a uma discussão do senso comum, por isso torna-se importante o papel de orientador do professor, pois é muito comum o aluno observar sua realidade fora da sala de aula se valendo de opiniões próprias do senso comum.

O professor deve utilizar-se dessa realidade comum do aluno e orientá-lo à analisar sociologicamente os fatos. As músicas devem ser analisadas de forma a buscar compreender as questões que a envolvem, tendo-as como uma construção da vida social.

A Sociologia diferencia-se do senso comum por se subordinar às regras rigorosas de um discurso responsável baseados em evidências verificáveis. Em outras palavras, a Sociologia, ao contrário do senso comum, é uma ciência que pensa o mundo social em complexa conexão. (BAUMAN e MAY, 2010, p. 20).

Essa complexa conexão do mundo social pode ser algo difícil do aluno compreender sem a orientação de um professor. Como foi dito anteriormente, cabe ao educador se aproximar da realidade do aluno, pois este recebe influência do meio social e econômico em que vive.

Orientado por um professor qualificado, o aluno pode ter uma noção melhor do mundo que o rodeia, pode aprender a ver coisas que não são tão óbvias como parecem, conseguindo assim sair um pouco do sendo comum e desenvolver mais seu senso crítico, isto deve ser feito sem se aprofundar demasiadamente em nenhum assunto pois a educação básica demanda generalistas e não especialistas em suas práticas.

Voltando ao tema central, que é a utilização de música em sala de aula, acreditamos que o professor não deva escolher músicas muito complexas, que usem uma linguagem muito refinada e de difícil compreensão, isto apenas dificultaria o seu aproveitamento em aula. É também interessante que o professor procure falar sobre os artistas envolvidos na criação da música, à que estilo de música pertençam, assim como singularidades sobre os artistas e o momento histórico ou político em que foi composta a canção. Buscamos aqui usar exemplos de músicas que abordam temas da Disciplina de Sociologia de um modo geral e que podem ser aproveitadas em sala de aula.

Não é nossa pretensão aqui esgotar o tema proposto, o que, para acontecer, necessitaria de muito mais tempo. Buscamos sim dar uma pequena contribuição com a sugestão de uma metodologia alternativa através do uso de letras de músicas como prática de apropriação do conhecimento, de tal sorte a qualificar a intervenção docente no ensino de sociologia. Destacamos ainda a importância dessas novas abordagens fazerem parte da formação de professores, sendo disponibilizadas reflexos tanto nas disciplinas específicas das ciências sociais, quanto nas disciplinas didático-pedagógicas.

## 6. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. MAY, Tim. *Aprendendo a pensar sociologicamente*. Trad. Alexandre Wernek. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BODART, Cristiano das Neves. Café com Sociologia, *Revista do professor e estudante de sociologia*, Vol.1, ano 1, ed.1. Nov. 2012.

BOURDIEU, Pierre et al. *Lições da Aula*. São Paulo, Editora Ática S.A., 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei no 9.394/1996. Brasília, DF. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm). Acesso em 01 nov. 2015.

CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, *Afrociberdelia*, Sony Music, 1996.

FERNANDES, Florestan. *A Sociologia no Brasil*. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

MORAES, Amaury Cesar; GUIMARÃES, Elizabeth da Fonseca. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias*. Conhecimentos de Sociologia. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2006.

MUNDO LIVRE S/A, Concorra a um carro. *Por Pouco*, Videolar Ind. Brasileira, 2000.

PENNA, Maura (org.). *Música(s) e seu ensino*. Porto Alegre: Sulina. 230p. 2008.

SCHEVISBISKI, Renata S. *Metodologias de ensino de Sociologia: o Projeto “Oficina de Ideias”*. Universidade Estadual de Londrina, 2008.

SANTANA, Adriana Alves *et. al.* Araujo. O contexto e o intertexto na música Pra não dizer que não falei das flores, de Geraldo Vandré. *Revista Graduando* nº2, de jan./jun. 2011.

PARALAMAS DO SUCESSO, Selvagem. *Selvagem?* EMI, abril de 1986.

TOMAZI, Nelson Tomazi. *Sociologia para o Ensino Médio*. Saraiva S. A. Livreiros Editores, São Paulo, 2010.

VANDRÉ, Geraldo. *Pra não dizer que não falei das flores*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6oGIRrJLiiY>. Acesso em: 18.12.2015.